

Especial Rumos da economia

Exportações Valorização do real e a retomada do crescimento interno podem atrapalhar saldo comercial

Governo aposta na diversificação de mercados e produtos

Denise Neumann
De São Paulo

Nos primeiros três meses deste ano, o Brasil exportou US\$ 6 milhões em máquinas e café para o longínquo e desconhecido Turcomenistão. Também ampliou suas exportações em 170% para o Irã e em 216% para a Croácia e vendeu peixe congelado para as ilhas de Trinidad e Tobago, além de ter embarcado 85% mais para a vizinha Argentina. "Estamos diversificando nossa pauta de exportação e nossos mercados de destino", observa o secretário de Comércio Exterior, Ivan Ramalho.

Na avaliação da equipe do ministério do Desenvolvimento, essa dupla diversificação — de produtos e de mercados — torna sólida a atual expansão das exportações. Por isso, mesmo que o país volte a crescer a taxas desejadas e sustentadas, o saldo comercial não está ameaçado. "O aumento da demanda interna não vai ameaçar a expansão que estamos observando", afirma Ramalho.

No primeiro trimestre, as exportações cresceram expressivos 26,5% sobre igual período do ano anterior. Esse resultado embute um aumento de 20% em volume (inclusive de produtos manufaturados) e de 5,2% de recuperação de preços.

O governo começou o ano pro-

jetando um aumento de 10% nas exportações, o que significaria exportar US\$ 6 bilhões a mais que os US\$ 60 bilhões de 2002. A meta já foi ampliada para US\$ 8 bilhões. Quase metade deste resultado já foi obtido nos primeiros quatro meses. No acumulado de 2003 até 25 de abril, o país exportou US\$ 19,9 bilhões, US\$ 3,7 bilhões a mais que os US\$ 16,2 bilhões de igual período de 2002.

Ramalho diz que a estratégia do governo para sustentar os bons resultados comerciais, passa por uma maior simplificação das operações de comércio exterior, ampliação da presença de pequenas e médias empresas, combate às barreiras comerciais e ênfase na promoção comercial — no primeiro trimestre de 2003 a Agência de Promoção das Exportações (Apex) levou 680 empresas para eventos internacionais.

O secretário também explica que o governo está procurando montar uma "inteligência comercial". "A Secex, junto com os Estados, vai promover estudos para detalhar o perfil e o potencial exportador de cada Estado, identificando novas oportunidades", explica Ramalho.

Na lista de ações do Mdic com o objetivo de ampliar exportações, Ramalho não relaciona medidas de política industrial ou a definição de setores a serem in-

centivados. Uma política industrial com o duplo objetivo de ampliar vendas externas e substituir importações, no entanto, estava no programa econômico do Partido dos Trabalhadores (PT).

A certeza que Ramalho demonstra quanto à solidez da expansão recente das exportações brasileiras não encontra eco entre especialistas em comércio exterior. Dois espectros rondam o saldo brasileiro na avaliação destes economistas: no curto prazo, o temor está concentrado na valorização do real; no médio e longo prazo, o crescimento da economia preocupa. Setores importantes para o saldo brasileiro operam no limite da capacidade produtiva e não conseguirão atender, ao mesmo tempo, os mercados externo e interno se não forem feitos novos investimentos produtivos.

Uma versão preliminar de estudo da LCA Consultores — feito a pedido do Ministério do Planejamento —, mostra que o Brasil pode perder US\$ 4 bilhões de saldo comercial caso a economia cresça entre 4% e 5% ao ano por dois anos consecutivos. Essa perda se consolidaria se nenhum investimento fosse feito em setores de siderurgia, metalurgia e papel e celulose.

Além destas duas preocupações, o futuro do saldo e a consistência da expansão das exportações remete à dúvida do quanto o

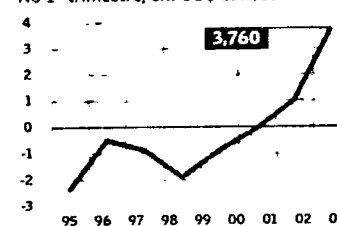
Embarques de peso

Principais destinos das exportações brasileiras no primeiro trimestre

País	Em 2003 US\$ milhões	Crescimento no trimestre Em %, sobre 2002
Estados Unidos	4.022,8	18,90
Argentina	784,4	
Países Baixos (Holanda)	769,2	28,56
China	731,0	
Alemanha	635,5	40,69
México	554,1	28,40
Itália	467,7	20,44
Japão	438,4	-2,28
Chile	435,2	
Bélgica-Luxemburgo	432,7	20,79
Reino Unido	384,9	4,01
França	362,7	21,56
Rússia	332,8	
Espanha	249,9	27,07
Coreia do Sul	220,0	21,21
Irã	206,3	
Canadá	176,5	41,70
Emirados Árabes Unidos	156,1	25,96
Colômbia	151,5	15,19
Hong Kong	149,9	46,62
		84,92
		148,00
		66,00
		169,58

Evolução dos saldos comerciais

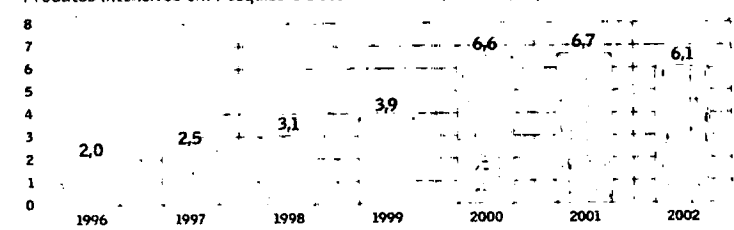
No 1º trimestre, em US\$ bilhões



Fonte: Secex e Iedi, com base em dados da Secex

Crescimento das exportações

Produtos intensivos em Pesquisa e Desenvolvimento, em US\$ bilhões



país substituiu de importações desde a desvalorização do real. A resposta de fato a esse questionamento só virá quando o país crescer de forma sustentada e em percentuais superiores a 4% ao ano.

Fernando Ribeiro, economista da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior Funcex, não tem dúvidas de que ocorreu uma substituição de importações, mas ainda acho cedo para dizer se esse processo será permanente ou se parte dele pode ser revertido diante de nova mudança no padrão cambial. As evidências deste processo, diz, ficaram mais claras em 2002: o quantum importado caiu 15% em 2002 e mais 6,0% neste começo de 2003. No mesmo período, a produção industrial e a quantidade exporta-

da evoluíram positivamente.

Júlio Sérgio Gomes de Almeida, diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), não assina embaixo de teses que sustentam que ocorreu uma substituição generalizada das importações. A queda nas compras de bens produzidos no exterior, avalia ele, está muito associada ao fim do ciclo de investimentos em telecomunicações, ao efeito fim de racionamento (que havia aumentado a demanda por bens de energia em 2001) e também à queda na demanda interna.

Dados analisados por Almeida mostram que ocorreu uma substituição de importações em agribusiness. As importações de bens agropecuários caíram de US\$ 7,4

bilhões em 1998 para US\$ 4,1 bilhões em 2002. Como as exportações do mesmo segmento aumentaram de US\$ 17,5 bilhões para US\$ 20,9 bilhões no mesmo período, a contribuição do setor para o saldo evoluiu para US\$ 16,8 bilhões em 2002, US\$ 5,8 bilhões a mais que em 1998.

Fábio Silveira, economista da MB Associados, vê sinais de maior dinamismo exportador em alguns setores industriais. Ele cita calçados, couros, mármore e granitos e automóveis. Em carros, o valor exportado aumentou 60% em relação ao primeiro trimestre de 2002. Para o ano, ele aposta em pequena recuperação das importações, tanto para recomposição de estoques como de peças e componentes para bens exportados.